

TEOLOGIA DA ESTÉTICA

Flávio R. Kothe

Mestre em Teoria Literária
Freie Universitat Berlin

Doutor em Letras - Teoria Literária e Literatura Comparada
Universidade de São Paulo



Artigo publicado em acesso aberto (*Open Access*) sob a Licença Pública Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

Resumo: Discute o cerne teológico que habita a filosofia e a estética, fazendo dos pensadores antes teólogos disfarçados do que propriamente filósofos, caso se aceite a proposta de Heidegger – que ele próprio não cumpriu plenamente – de que a filosofia é ateia por natureza. Numa era de recrudescimento do fanatismo religioso, esse problema se torna mais premente. O monoteísmo tende a levar ao totalitarismo, pois quem só admite um único deus verdadeiro, o seu, não tem tolerância quanto à elevação de outras divindades. A saída não é a regressão ao politeísmo antigo, mas se desvencilhar das religiões: “sem deuses mais”.

Palavras-chave: Religião. Filosofia. Divindade

Abstract: Discusses the theological core that inhabits philosophy and aesthetics, making thinkers rather disguised theologians than philosophers, if one accepts Heidegger's proposal – which he himself did not fully fulfill – that philosophy is atheistic by nature. In an era of rising religious fanaticism, this problem becomes more pressing. Monotheism tends to lead to totalitarianism, as those who only admit one true god, their own, have no tolerance for the elevation of other deities. The solution is not to regress to ancient polytheism, but to get rid of religions: “no more gods”.

Keywords: Religion. Philosophy. Divinity

A Estética deriva de uma crença que pode conter um erro grave, nos fundamentos, e toda sua edificação pode afundar. Oriunda da metafísica psicológica, ela pressupõe que o homem se divida em corpo e alma, como instâncias separáveis, tendo a alma prioridade por ser imutável, eterna e independente do corpo. Assim como a Lógica cuidaria das ilações da alma em termos analíticos, a Estética cuidaria das percepções corporais, das imagens corpóreas. Essa concepção cristã está presente em Descartes, Leibniz, Wolff, Baumgarten, Kant, Fichte, Solger, Hegel e vários outros.

Ela é anterior ao cristianismo: os romanos, por exemplo, acreditavam que “a sombra” iria para os Campos Elísios; os egípcios, que ela ia passando por reencarnações em diversos animais, conforme a vida que o homem tivera. Isso obrigava o sujeito a ser correto, para não reencarnar num bicho inferior. A lógica implícita na reencarnação é que o animal podia não ser idêntico a si mesmo, assim como cada homem teria em si vidas passadas. Ele poderia estar pagando culpas alheias e, portanto, não precisaria reconhecer os próprios erros. Um ponto de umbanda dizia: “Oxalá era mas não era// Ele era um pintasilva// Ele vivia nas pedra furada// Mas não era um pintassilva.”

O pressuposto da escolástica é que Deus seria idêntico a si mesmo, $A = A$, e fundamento de todo o pensamento. Deus teria criado o ser das coisas como forma das coisas. Havendo apenas um Deus verdadeiro, origem de tudo, a crença seria absoluta. A única verdade aí é que ela tinha essa pretensão. Como esse deus seria puro espírito, também no homem, segundo Aquino, no *Compêndio de teologia*, seria absurdo pensar que o pensamento pudesse ser gerado por algum órgão do corpo.¹ Ele não tinha a menor noção do funcionamento do cérebro. Nem queria ter. Precisava ser coerente, fazendo do homem um microcosmo do todo.

O pressuposto de que o homem seria formado de corpo e alma, sendo que esta existiria independente do corpo, pois seria espiritual e eterna, conduz à definição da arte como formada por esses dois aspectos. Para Aquino, o belo seria a aparição sensível da verdade, sendo Cristo a verdade; para Hegel, seria a aparição da ideia, sendo ela sempre verdadeira (uma ideia errada seria um contrassenso); para Heidegger, a obra de arte é formada por uma coisa, que não é um utensí-

¹ Aquino, Tomás de. *Seleção de textos*, São Paulo, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, 2004, p. 195.

lio (embora pareça), na qual se revela a “alétheia”, o desencobrimento temporal do verdadeiro. A Filosofia da Arte não conseguiu ir além da tradição metafísica, mas a arte sempre manifestou o valor do corpóreo.

Havia na escolástica uma “lógica superior”, analítica, do $A = A$, voltada para o pensamento abstrato, que tratava de manter controle sobre como se deveria pensar. Era um meio de exorcizar a antítese, a contraposição, como se ela fosse o capeta. A identidade sem negação pretendia ser o “espírito divino”, fonte de todo o conhecimento. Por isso, repensar a lógica era questionar a teologia e a doutrina da fé. Era a repressão sacralizada, autoritarismo dogmático.

No século XVIII, com Wolff e Baumgarten, foi proposta a contrapartida do estudo da “Lógica inferior”, a “Estética” voltada para as regiões íferas da mente, consideradas corpóreas, pois aí também ocorreriam processos de conhecimento, basicamente mediante imagens fugidias. A “Estética” de Baumgarten² (#1) juntava áreas diversas: gnoseologia inferior, teoria das artes liberais, a arte das cogitações belas, arte do análogo da razão: seria a ciência dos conhecimentos sensitivos. Não por acaso ele considerou que a “alma” (anima) seria “motus cerebri”, movimento do cérebro, embora depois ele tenha colocado o remendo de que o cérebro ficaria mimetizando os movimentos da alma.

Às vezes ocorre a variante de que o homem não seria constituído por duas partes e sim por três: corpo, alma e espírito. No signo verbal, o corpo está para o significante assim como o significado está para a alma, mas, quando se usa uma ironia, o sentido da palavra tende a ser o contrário do significado usual. Há, portanto, uma terceira instância, o espírito da obra. Na Crítica da razão pura, por exemplo, a dimensão corpórea está no que ela chamava de Estética – que não era uma Filosofia da Arte –, ou seja, a região das percepções dos sentido; a alma estaria no entendimento conceitual, uma espécie de Espírito Santo que há no homem, enquanto o espírito ficava no nível mais elevado da Razão, que tudo comanda com suas três ideias: Deus, imortalidade, liberdade: o tico, o teco e o toco.

O problema central é discernir o cerne teológico que habita a filosofia e a estética, fazendo dos pensadores antes teólogos dis-

² Baumgarten, Alexander G. *Ästhetik*, Hamburg, Felix Meiner Verlag, 2007, latim e alemão, 2 volumes.

farçados do que propriamente filósofos, caso se aceite a proposta de Heidegger – que ele próprio não cumpriu plenamente – de que a filosofia é atea por natureza. Numa era de recrudescimento do fanatismo religioso, esse problema se torna mais premente. O monoteísmo tende a levar ao totalitarismo, pois quem só admite um único deus verdadeiro, o seu, não tem tolerância quanto à elevação de outras divindades. A saída não é a regressão ao politeísmo antigo, mas se desvencilhar das religiões: “sem deuses mais”.

Numa situação de guerra, sob canhoneio, um soldado se apavora, fica pálido e quer se esconder, enquanto outro fica furioso, vermelho de raiva e se dispõe a enfrentar o fogo inimigo de peito aberto. Para a mesma causa deveria haver as mesmas consequências, mas isso não ocorre. Se suas “almas” têm a mesma origem divina, por que reagem de modo oposto? Cada “alma” capta os dados do real, discerne a situação, provoca uma reação somática e uma ação volitiva. Sofrer os dados equivale à figura de Cristo, que corporifica o sofrimento; a inteligência dos dados é feita pelo entendimento, que corresponde ao Espírito Santo, enquanto a expressão divina da vontade é Deus Pai, que decide fazer e desfazer as coisas. Há, porém, além dessa Santíssima Trindade, uma quarta figura, aquela que faz com que o espírito somatize reações corpóreas e que corresponde à figura da Virgem Maria, aquela que fez o espírito se tornar carne e habitar entre humanos.

A distinção entre corpo e alma parecia fácil: corpo seria uma coisa com extensão, sendo, portanto, divisível; em contrapartida, a alma seria o indivisível. A unidade mínima do espaço é o ponto, mas ele não é mais divisível: é um “pseudocorpo”, algo que é o que é sem estar aí, pois enquanto for visível ele será divisível. Embora Descartes tenha adotado isso em suas obras principais, nas *Paixões da alma*³ observou que a alma também se divide: tem uma parte em que ela sente as coisas (Cristo); outra que entende as coisas (Espírito Santo) e ainda uma que decide sobre as coisas (Deus Pai). A isso faltou acrescentar a somatização do psíquico (Virgem Maria). Assim se teria resolvido o mistério da Santíssima Trindade.

No século XVII e XVIII não se tinha noção clara de que haveria o inconsciente, embora Shakespeare e Pascal já o tenham per-

³ Descartes, René. *Paixões da alma*. Coleção *Os pensadores*, São Paulo, Editora Abril, 1983, tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior, p. 218 ss.

cebido. Para nós, desde a psicanálise é natural que “a alma” se divida em consciente, pré-consciente e inconsciente. Quando se dividem as coisas, deveria chegar um momento em que elas não se poderiam dividir mais: é o ponto matemático, cruzamento de duas linhas, algo que é sem estar aí, é um não-estar que é e que funda tudo (ou afunda tudo no nada). Tudo o que há se baseia num não estar que é.